

AS AMAS DE LEITE NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS NO SÉCULO XIX

LAURA MARIA SILVA ARAÚJO ALVES

Universidade Federal do Pará. E-mail: laura_alves@uol.com.br

Introdução

O texto que ora apresentamos pretende oferecer um pequeno contributo para uma reflexão sobre a historiografia da infância e do papel das amas de leite na amamentação e cuidado com a criança nos discursos narrativos na obra de Gilberto Freyre¹ *Casa-Grande & Senzala*. Escritas em 1933, nesta obra percebemos que a criança se apresenta como protagonista da narrativa. Falar sobre a infância parecia ser um grande desejo de Gilberto Freyre. Em 1921, ele confidenciou em seu diário que desejava escrever sobre a infância do menino brasileiro. Embora não tenha materializado esse desejo, nos anos 20 do século passado, Gilberto Freyre timidamente escreveu quatro artigos para o Diário de Pernambuco falando das crianças, seus livros e brinquedos. Antes mesmo da publicação de *Casa Grande & Senzala*, já havia um interesse dele pela história da infância brasileira a partir da sua própria infância no nordeste, principalmente pela história da infância, a cultura material infantil, as brincadeiras e a educação meninos e meninas.

¹ Gilberto Freyre nasceu em Recife em 1900. Especializado em Política e Sociologia é considerado um dos mais importantes intelectuais latino-americanos da primeira metade do século XX. Fez sua Pós-Graduação na Universidade de Colúmbia (EUA), obtendo o grau de Mestre com a trabalho *"Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX"*, orientado pelo antropólogo Franz Boas. Foi com Franz Boas que ele se envolveu com a Antropologia Cultural e desenvolveu o interesse pela formação social do povo brasileiro. As obras de Gilberto Freyre são mais do que uma interpretação ensaística e subjetiva da história da constituição do povo brasileiro, pois é um trabalho da antropologia histórica em diálogos com as ciências sociais, mais avançadas da sua época. Há um interesse de Gilberto Freyre pela *cultura material, pelas mentalidades e pela história da infância*. Indubitavelmente, foi o autor brasileiro que mais recebeu homenagem de Universidades da Europa e EUA.

A obra retrata uma produção historiográfica sobre a infância desde o período do Brasil Colonial até a República. Sabe-se que as obras de Gilberto Freyre formam um caleidoscópio que constituem uma descrição da realidade do povo brasileiro. No *Casa Grande & Senzala* Freyre faz citações importantes a respeito da figura infantil, enfatizando práticas culturais e educacionais dos portugueses, dos negros e dos indígenas que se disseminaram nos cuidados e na educação das crianças por todo o Brasil. Indubitavelmente é uma polifonia discursiva sobre a infância brasileira ancorados em documentos oficiais e não oficiais. Em *Casa-Grande & Senzala* encontramos fragmentos discursivos narrativo sobre a infância do início ao fim, ou seja, uma polifonia discursiva da história social, cultural e educacional da infância brasileira.

Casa Grande & Senzala foi publicado originalmente em 1933 e é considerado um clássico do pensamento social brasileiro. Escrito de forma coloquial, o livro se destacou por abordar vários assuntos sociais e culturais desde o nosso passado colonial. Gilberto Freyre destaca neste livro a nossa ancestralidade lusitana, negra e indígena, e de forma muito bem narrada, descortina o nosso passado situando o leitor no tempo e espaço dos acontecimentos. Para construção da obra, Gilberto Freyre buscou informações em arquivos, bibliotecas e museus, além de documentos de viajantes, cartas e teses de medicina para construir um monografia de caráter etnográfico. Sabe-se que o objeto de estudo do livro *Casa Grande & Senzala* é a família “patriarcal” do senhor de engenho. Mas, ao longo das narrativas evidencia-se uma abordagem sociocultural da criança branca, negra e indígena. Um exemplo disso é quando Gilberto Freyre reconstitui em detalhes e exuberância da infância que se desenvolveu nos espaços da Casa Grande.

O uso do discurso narrativo em materiais escritos é uma fonte histórica importante para a construção da história da infância. Fontes escritas usualmente são precisas no que tange ao tempo, lugar e autoria, e em geral revelam os pensamentos e as ações de

homens, mulheres e crianças. Nas obras literárias ou não o autor escritor revela um contexto histórico destacando comportamento individual e coletiva sobre a realidade de seu tempo.

Nos textos escritos por Gilberto Freyre constatamos, de um lado, um discurso narrativo repleto de significados e sentidos da contribuição portuguesa, indígena e africana no processo de formação do povo brasileiro, e de outro lado, um caleidoscópio das práticas culturais das amas de leite na amamentação e na educação das crianças desde o período Colonial à República. São narrativas marcantes sobre a infância brasileira, tanto que hoje suas obras são verdadeiramente uma fonte de registro da vida social e privada da criança. Para construir a narrativa sobre a criança Gilberto Freyre valeu-se de diversas fontes históricas. Da leitura da obra destacamos duas categorias de análise: (1) a prática da ama de leite no amamentação da criança e (2) a prática da ama de leite nos cuidados e na educação da criança.

Para abordar as duas categorias de análise dos discursos narrativos nas obras de Gilberto Freyre sobre as práticas culturais da ama de leite no contexto da infância do século XIX trazemos para a reflexão histórico-sociológica as contribuições de Mery Del Priori, Koutsoukos, Câmara Cascudo, Nascimento, Alves e Vailati.

A Prática da Ama de Leite na Amamentação da Criança

A figura da ama de leite na vida das crianças brasileiras no século XIX era tão presente que nas famílias abastadas ela era considerada como se fossem da família, a presença constante das chamadas mães-pretas tinham suas histórias entrelaçadas com a vida das crianças que, apesar de não terem sido seus filhos legítimos, eram amamentados e criados com afeto e dedicação extremos. Tais mulheres, em algumas famílias, eram bastante respeitadas e reverenciadas ao ponto de muitas crianças serem fotografadas com

suas amas e bás. Há registro de que quando envelheciam, as mães-pretas passavam a ser uma figura, especialmente institucionalizada pelas famílias patriarcais.

Ainda jovens ou já mais velhas, as mulheres negras compartilhavam a condição feminina maternal com as mães brancas — em muitos casos, decerto, determinado traço se convertia numa verdadeira substituição ou troca dos papéis sociais. Sabe-se que as “amas”, apesar de sua relação de dedicação e doação, desempenhavam uma tarefa imposta injustamente como resultado de sua condição social — a escravidão. De certo modo, as nutrizas foram definitivas em relação às mulheres e crianças brancas da sociedade, assim como na vida íntima feminina (KOUTSOUKOS, 2010).

Segundo Gilberto Freyre, a escolha da escrava negra para ama do menino foi trazido de Portugal como uma prática higiênica, pois havia múltiplos discursos sobre a amamentação. As mulheres da elite francesa diziam que a amamentação era fisicamente ruim para mãe e de gerar uma sensibilidade nervosa diante do choro da criança e, assim, provocavam a fraqueza de sua constituição. No mais, havia ainda o argumento estético expresso na perda da beleza, na deformação dos seios e na sua flacidez. Do ponto de vista moral, as mulheres achavam, de um lado, pouco dignas de amamentarem os seus filhos, e de outro lado, a vergonha em mostrar os seios. Os maridos, por sua vez, consideravam a amamentação um atentado à sexualidade e restrições ao prazer. Atrelado a toda essa concepção moralista, havia principalmente a orientação médica da incompatibilidade sexo e amamentação.

Os médicos moralistas do século XVIII diziam que enquanto a nutriz amamentava seu filho não podia ter relações sexuais, pois o esperma estragaria o leite e o faria azedar. Portanto, muitas mulheres europeias eram aconselhadas a contratar uma nutriz para amamentar seu filho, e assim podiam exercesse o seu papel de esposa, cumprindo as suas obrigações conjugais, sem por em risco a vida de seu filho, e muito menos o casamento. Assim, a amamentação

desde o século XVIII passou a ser um meio de vida para as mulheres pobres (NASCIMENTO, 2008).

Em Portugal, nos séculos XVII e XVIII, os mestres da “arte de curar e criar meninos” considerava que as negras e mulatas apresentavam um leite mais forte apresentavam outras características que satisfaziam as exigências dos higienistas portugueses. Dentes alvos e inteiros, pois era raro encontrar entre as senhoras brancas uma de dentes sãos. Além disso, muitas não eram primíparas, não tinham sardas e eram mães de filhos sadios (GILBERTO FREYRE, 2001, p. 414-415).

Entretanto, Gilberto Freyre comenta que no Brasil essas ideias moralistas não foram exatamente constatadas. O que houve, entre nós, foi impossibilidade física de muitas mães de atenderem a esse dever de maternidade. As mulheres, segundo Gilberto Freyre, casavam ainda muitas meninas e enfrentavam geralmente uma gravidez com alguns problemas de ordem física, pois muitas mães eram incapazes suportar as fadigas de uma amamentação prolongada. Além disso, sucediam-se muitos partos. Era comum a mulher ter um filho atrás do outro. Muitas vezes filhos nascidos mortos. Enfim, as jovens mães padeciam a cada gravidez. Portanto, a escrava ama de leite era chamada da senzala à Casa Grande para ajudar franzinas mães de quinze anos a criarem os filhos. (GILBERTO FREYRE, 2001, p.413-414).

A entrada destas mulheres no cotidiano de um núcleo familiar, com o qual não tinham nenhum vínculo biológico ou de parentesco, foi absorvida devido a aspectos culturais determinantes. Em primeiro lugar, é necessário explicar que a prática da amamentação era um tabu na vida familiar do século XIX e que teve diversos desdobramentos sociais — particularmente no aspecto da exploração econômica. É importante ressaltar que o uso sistemático da nutriz era também um costume comum nos Estados Unidos, assim como na Europa.

Assim como acontecia em várias capitais brasileiras, na Belém do Pará, da metade do século XIX, ainda era muito recorrente o aluguel de nutriz. Sabe-se que em todo o Brasil modestos se-

nhores de escravos exploravam esse mercado bastante lucrativo ao alugar suas escravas no período pós-parto como “amas de leite”.

O aluguel ou venda de amas de leite escravas era bastante lucrativo para os senhores de escravos urbanos até o início do século XX. Segundo Gilberto Freyre, o comércio desse negócio era oferecido nos anúncios de jornais das cidades brasileiras. Em Belém do Pará, por exemplo, era recorrente anunciar em jornais de grande circulação pela cidade a contratação de “amas de leite”. No *Jornal Diário de Belém*, na segunda metade do século XIX, constatamos anúncios de aluguel de ama de leite livre ou escrava com boa aparência, sadia e sem cria para amamentação. Em alguns anúncios havia ainda a intenção de pagar bem e se fosse escrava prometia-se dar a sua liberdade no fim de seis anos. Havia ainda um comércio indiscriminado de venda e aluguel de amas de leite entre as províncias que valorizavam sobretudo as amas que haviam perdido seus filhos.

A Prática da Ama de Leite e os Cuidados na Educação da Criança

Nenhuma cultura, nenhum gente, nenhum povo depois do português exerceu maior influência na cultura brasileira do que o negro. No caso da criança a negra foi muito importante em vários aspectos. Foi pela negra velha que as superstições afro-brasileira se estabeleceram nas práticas culturais de proteger o menino. Além disso, foi uma figura que cuidou da criança branca com muita dedicação.

A figura boa da ama negra que, nos tempos patriarcais, cria o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado, o primeiro “padre-nosso”, a primeira “ave-maria”...lhe dava na boca o primeiro pirão com carne “molho de ferrugem”, ela própria amolegando a comida (GILBERTO FREYRE, 2001, p.391).

Assim como Câmara Cascudo, Gilberto Freyre salienta que foi por intermédio das amas de leite que as crianças aprendiam

cantigas de ninar² e histórias de “bicho-papão”. Como diz Gilberto Freyre, a criança ficava à mercê de um grande manancial de histórias terríveis de visagens e assombrações causando geralmente os gritos dos meninos à noite. Não era uma atividade lúdica, mas sim uma atividade de controlar os meninos malcriados. A presença constante das chamadas mães-pretas tinham suas histórias entrelaçadas com a vida das crianças que, apesar de não terem sido seus filhos legítimos, eram amamentados e criados com afeto e dedicação extremos. Tais mulheres, em algumas famílias, eram bastante respeitadas e reverenciadas. Sobre o papel das amas nos cuidados da criança, Gilberto Freyre nos diz que

era uma primeira infância cheia de dengos, de agrados, de agarrados com as mucamas e com mãe; de banhos mornos dados pelas negras; de mimos; de cavilação, de cafuné por mão de mulata; de leite mamado em peito de negra às vezes até depois da idade da mama; ...de sonos dormidos em colo da mucama. (...) Houve mães e mucamas que criaram os meninos para serem quase uns maricas (GILBERTO FREYRE, 2001, p. 426).

Gilberto Freyre afirma que culturalmente as amas de leite, mucamas e bás deixaram marcas profundas na história familiar da sociedade brasileira, sobretudo na história da infância. Para alguns autores, na atualidade, os resquícios do passado se refletem nas babás de hoje: em sua grande maioria mulheres pobres e predominantemente negras. Um dos aspectos interessantes da relação das escravas amas de leite com os meninos da Casa Grande foram o afofo e a ternura com não conheciam os europeus.

² Conhecida também por canção infantil. Compreende a totalidade das cantigas entoadas pelas crianças em suas atividades lúdicas. São melodias trazidas de Portugal que foram entoadas pelos adultos ao entreter, embalar e fazer adormecer as crianças. São canções de ninar, acalantos, cantigas de roda etc. Segundo Câmara Cascudo (2001), a canção de ninar é uma das formas musicais mais antigas, sendo encontrada em diferentes culturas. As canções expressam um sentimento maternal de proteção para com o filho, numa relação de afeto.

Houve ainda a disseminação de valores religiosos e de sentimentos por parte das amas para com a criança. Um exemplo disso é o relato que Gilberto Freyre faz sobre a infância de Silvio Romero num engenho no Norte. A lembrança mais marcante de sua infância foi a escrava Antônia, sua mãe negra. “Ela que o fizera religioso, ensinando o primeiro “Padre-Nosso”, a primeira Ave-Maria”. As canções expressam uma sentimento maternal de proteção para com o filho, numa relação de afeto. Com relação às canções, narra Gilberto Freyre: as canções de berço portuguesas, modificou-as a boca de ama negra, alterando nelas palavras, adaptando-as às condições regionais, ligando-as às crenças dos índios e às suas (GILBERTO FREYRE, 2001, p. 382).

Como nos fala Gilberto Freyre, a ama negra foi indubitavelmente uma figura importante na vida da criança branca. Ela criou o menino dando de mamar, preparou-lhe a comida e o banho morno, cuidou-lhe da roupa, contou-lhe história ao embalhar-lhe a rede ou ao berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado, os primeiros dialetos africanos e as primeiras expressões populares.

Desde o Brasil Colônia houve propagação de histórias de contos portugueses que influenciaram o imaginário da criança brasileira. As canções de ninar, acalantos, cantigas de roda, histórias dos contos maravilhosos, de visagens e assombrações etc.. foram trazidas de Portugal e sofreram alterações pela boca das amas. Gilberto Freyre destaca que foi pela boca das negras velhas que as histórias portuguesas sofreram alterações nas suas construções:

As histórias portuguesas sofreram no Brasil consideráveis modificações na boca das negras velhas ou amas de leite. Foram as negras que se tornaram entre nós as grandes contadoras de histórias. (...) por intermédios dessas negras velhas e das amas de menino, histórias africanas, principalmente de bichos acrescentaram-se às portuguesas, de tranco, contadas aos netinhos pelos avós coloniais – quase

todas histórias de madrastas, príncipes, gigantes, princesas, pequenos-polegares, mouras-escantadas. Mouras-tortas (GILBERTO FREYRE, 2001, p. 386)

Gilberto Freyre ressalta que a linguagem infantil também foi se amolecendo ao contato da criança com a ama negra. Algumas palavras, ainda hoje duras quando pronunciado pelos portugueses, se amaciaram no Brasil por influência da boca africana. A ama negra, segundo ele, fez com as palavras o mesmo que com a comida machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para boca do menino branco as sílabas moles (GILBERTO FREYRE, 2001, p. 386-387). Referindo-se ao menino do Norte do país e sobre a ama de leite, Freyre destaca:

Dáí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem rr nem ss; as sílabas finais moles. (...) A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: ccá, pipi, bumbum, tentém, neném, tatá, papá, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocô, didinho, bimbinha. Amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança. Os nomes próprios foram os que mais se amaciaram (...) As Antônias ficaram Dondons, Toninhas, Totonhas; as Terezas, Tetés; os Manuéis, Nezinhos, Mandus, Manés; Franciscos, Chicos, Chiquinhos, Chicó (GILBERTO FREYRE, 2001, p. 387).

Para Gilberto Freyre as amas de leite foram sobremaneira importantes não somente nos cuidados da criança, mas também na educação cheio de mimos. Houve mães e mucamas que criaram os meninos para serem quase uns maricas. Moles e bombos, esses meninos não dormiam sozinho, mas na cama da mucama e viviam sempre dentro da casa brincando de padre, de batizado e de pais das bonecas das irmãs. Amolegado por tantos mimos e resguardos da mãe e das negras, era natural que muito menino crescesse amarelo: a mesma palidez das irmãs e da mãe enclausuradas nas casas

grandes. Ao falar das crianças negras, Gilberto Freyre diz que houve molequinho da senzala criado nas casas grandes com os mesmos mimos afagos e resguardos de meninos brancos. As iaiás solteiras, ou de senhoras maninhas, que não tenho filho para criar deram para criar muleque ou mulatinho, e às vezes com exageros de den- gos (GILBERTO FREYRE, 2001, 426-427).

Considerações Finais

Perpassando por cada categoria de análise constatamos que há uma história da infância impregnada no pensamento de Gilberto Freyre. Para resgatar a infância no Brasil do século XIX, ele buscou dados em vários documentos. Os discursos narrativos sobre a infância foram construídos a partir de relatos de viajantes, narrativas de romances e contos, poemas, narrativas de historiadores, anúncios de jornais, teses de medicina, pareceres médicos, congressos médicos etc.. É importante destacar a importância que Gilberto Freyre dá aos documentos médicos.

As obras de Gilberto Freyre que serviram de referência para este nosso estudo são indubitavelmente um memorial da infância social e educacional brasileira desde o período colonial. Há uma polifonia discursiva que retrata uma história da infância perdida em um tempo e espaço.

A influência da cultura portuguesa, africana e indígena foi sobremaneira presente na educação da criança brasileira. É possível constatar a influência dessas culturas nos cuidados com a criança, nas brincadeiras, na oralidade, nas práticas culturais, na vida social, na vida familiar e nos rituais fúnebres. Enfim, são culturas que impregnaram pensamentos, comportamentos e hábitos que até hoje estão nas práticas culturais e educacionais de nossas crianças.

Embora no século XIX, as concepções higienistas que se propagaram em Portugal e toda a Europa e que foram disseminadas no Brasil para afastamento das amas de leite pelos médicos higienis-

tas, indiscutivelmente as amas de leite tiveram papel importante história da infância por todo século XIX. O papel das amas negras no cuidar da criança e nas práticas culturais das crianças significou a disseminação dos saberes africanos na educação da criança brasileira. Além disso, de seu afeto com essas crianças, as amas de leite e as bás influenciaram o imaginário da criança dentro e fora da Casa Grande. Foi por intermédio das amas de leite que histórias africanas acrescentadas às portuguesas foram alteradas em algum aspecto. Elas recorriam a canções de berço, a cantigas de ninar portuguesas que também foram modificadas pela influência negra, que nelas alterou palavras.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Laura M.S. A & ARAÚJO, Sônia M. da Silva. Castigos corporais e disciplinamento na escola: um estudo a partir da literatura brasileira. In: CASTRO, Cezar Augusto & CURY, Cláudia Eugler (orgs.). *Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte e Nordeste*. São Luis: EDFMA: UFPB: Café & Lápis, 2011.
- _____. A Tradição oral na Amazônia: a mitopoética dos espaços nas narrativas de encantamentos, visagens e assombrações. In: ALVES, Laura M.S.A. & ARAÚJO, Sônia M. da Silva (orgs.). *Cultura e Educação: reflexões para a prática docente*. Bel+em do Pará: EDUFPA, 2008.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 45ª edição. Rio de Janeiro. Record, 2001.
- _____. *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*. 4ª edição. São Paulo: Global, 2008.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2000.
- EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil* (trad. Jamil Almansur Haddad). Belo Horizonte: Ed.Itatiaia: São Paulo, 1976.
- GONDRA, José Gonçalves. *Medicina, higiene e educação escolar*. In:

LOPES, Elane Marta; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. 500 anos de educação no Brasil. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica 2003.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. Negros no estúdio do fotografo. Campinas: São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

LUCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil tomadas durante uma estada de dez anos nesse país de 1800 a 1818 (tradução de Milton da Silva Rodrigues). São Paulo: Livraria Martins, 1942.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral. A Sorte dos Enjeitados: o combate ao infanticídio e a institucionalização da Assistência às Crianças Abandonadas no Recife (1789-1832). São Paulo: Annablume/FINEP, 2008.

PRIORE, Mary Del. História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999.

VAILATI, Luiz Lima. As Fotografias de anjos no Brasil do século XIX. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material. Vol.14. Nº 2. São Paulo. juy/dez. 2006.

_____. A morte menina: práticas e representações de morte infantil no Brasil do oitocentos. Tese de Doutorado em História Social. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2005.